



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 23 de Julho de 2005 • Ano LXII • N.º 1601 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Benguela

# Alfabetização

O número de crianças multiplica-se de forma assustadora. Falo assim porque tenho medo de não poder acudir-lhes, a tempo e horas, quando vêm parar às nossas mãos. O nascimento do novo Centro Infantil foi uma bênção de Deus Pai. É mais uma gota de água libertadora no oceano de miséria a cobrir os nossos bairros, sobre-

tudo. Vai alegrar e fazer correr lágrimas de contentamento aos bebés e às mães que não possuem outra riqueza. Na hora em que vos escrevo, oiço gritos de bebés, bem perto de mim. Estão no consultório médico, aos cuidados da Irmã Albina, a receber tratamento das suas doenças. Quando são aplicadas injeções, os sinais falam mais alto.

# Notas do Tempo

NÃO foi o itinerário que pensara aquele que seguiu nas notas de há quinze dias. Sucede-me assim muitas vezes. É que nunca dera fé da amizade e admiração que vinculavam aqueles dois contemporâneos ilustres que foram Tomás Moro e Erasmo de Roterdão. E de como estes sentimentos tinham levado Erasmo a dedicar ao seu Amigo Tomás aquele «divertimento» a que chamou «Elogio da Loucura».

Aqui está outro livro sempre actual e por isso mesmo recomendável, sobretudo às classes dominantes, em todos os séculos ávidas por dominar mal apanham as rédeas nas mãos, quais domadores de cavalos bravos em qualquer far-west que se encontra em toda a parte do mundo.

Quinhentos anos nos separam de Erasmo e deste seu momento de inspiração. Se houvera televisão naquele tempo, quem sabe se não seria ele autor de qualquer programa de «contra-informação»? — tão parecidos são os homens de hoje com os de então, como com os da era alta das civilizações grega e romana, que são estas, afinal, as figuras de referência para o seu discurso!

Quer dizer que o Homem tem evoluído muito pouco — em velocidade de caracol e caracol *stressed* que faz muitas paragens e alguns retrocessos no seu caminho. E assim, o «enlouquecimento» generalizado que se respira hoje, será materialmente mais sofisticado, encontrará mais respostas nos *stock's* de psicofármacos que pejam as farmácias..., mas é essencialmente semelhante aos «enlouquecimentos» de outras eras da História, desde que ela é escrita ou deixou marcas que permitem conhecê-la na mais longínqua Antiguidade.

O que causa mais admiração é: como um homem com a sabedoria e a seriedade de Erasmo se debruça sobre os homens e os retrata em negativo com um humor profundo que não tem por objectivo fazer rir, mas fazer pensar... e corrigir costumes, maus costumes de que, afinal, os homens se não têm despojado no decorrer do tempo, tão ansiosos de

Continua na página 4

Depois de celebrar a Eucaristia, dei um salto ao Infantário, onde vi a Irmã, também chamada Albina, com um dos bebés ao colo a dar-lhe de comer. É a resposta ao desafio aberto, a partir do Altar, para a oferta diária da vida aos mais Pobres. Entre eles estão as crianças, os membros preferidos pelo Amor do Pai.

Dentro em breve, vai abrir a sala dos dois e três anos. São, para já, duas dúzias à espera da morada definitiva, pois, até aqui, ocupam instalações provisórias. Estas foram o resultado duma inquietação muito grande que não me deixou esperar mais tempo. Agora, o provisório, depois de cumprir bem a sua missão, vai dar lugar ao definitivo. Cumpre-se, deste modo, o «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce». Em boa hora, as Irmãs Cooperadoras de Santa Maria, impelidas pelo Espírito, assim creio, deixaram a sua terra, sua família, seu ambiente, tudo o que podia prendê-las e lançaram-se na aventura de ir até onde for a vontade do Pai. Quem dera não falte quem as acompanhe! Dar vida é a missão mais alta duma criatura humana. Assim acontece com estas mulheres.

A propósito, as nossas oficinas de serralharia e carpintaria conti-

Continua na página 3

## Setúbal

# A criança da rua

O fenómeno da criança da rua, abandonada, vítima de tantos e diversos males sociais, está sempre presente nas sociedades. Mais ou menos numerosas, são sempre um problema a considerar pelos governantes.

Nas sociedades ricas, como a que visitámos recentemente, os governos chamam a si o controle das situações de abandono ou perigo, entregando a resolução, em grande parte, às organizações particulares, quase sempre ligadas às Igrejas.

Somas consideráveis de dinheiro acompanham os passos destas crianças, qual mão que lhes garante o presente e as vai orientando para o futuro.

Haver dinheiro ou não haver é questão essencial para se pegar nestas crianças e ajudá-las a sair das situações críticas em que vivem.

Para as sociedades ricas, o dinheiro é o meio de solução dos problemas. Sobrepõe-se a outras soluções que, senão mais fáceis, seriam mais humanas.

É o caso da criança da rua. Ela tem em si mesma a riqueza com que há-de impulsionar a sua vida, tal como todo o ser humano. Precisa de apoio, estímulo e confiança em si e nos outros, na certeza de não estar a ser enganada. O dinheiro surge como accidental e não como essencial.

Precisa de liberdade. Uma liberdade que a não deixe entregue aos seus devaneios, mas a faça sentir membro de uma família e de uma sociedade em que deve crescer em sã convivência. Uma liberdade, por isso, animada pela responsabilidade de um ser que ama e é amado. Como pode haver amor se não houver responsabilidade?

A criança da rua precisa de espaço, físico e temporal, sem exagerados controles, mas também de alguma autonomia. Por muito que se queira fazer uma casa para elas, seguindo estritamente o modelo familiar

Continua na página 3

## Praticando o Bem

# Jubileu da Casa de Setúbal

NÓ passado 1 de Julho, fez cinquenta anos que se começou a Casa do Gaiato de Setúbal.

O Padre Américo dava, desta forma, notícia n' O GAIATO: «Por estes dias vai-se proceder à inauguração da Casa do Gaiato de Setúbal que só tem o inconveniente de ficar a uns oito quilómetros da Cidade, mas no mais é qualificada. O edifício propriamente dito, de grandes linhas e boas divisões, poderia facilmente conter duzentos rapazes se a nossa experiência não nos tivesse já ensinado que mais de cem na mesma Casa é um erro.

Além do edifício, temos uns dezasseis hectares de cultura de arroz e um bocadinho de mata e todos os anexos que dizem respeito e são precisos a uma Obra da natureza da nossa.

O convite que nos foi feito, por ter vindo de tão alto, deu-nos coragem de aceitar o encargo: (!) O Bispo, o Governo Civil, a Câmara e a polícia que se deram

as mãos sem discrepância e, finalmente o Terreiro do Paço!»

A seguir, Pai Américo entusiasmado com o seu método e o seu ideal fala de um número cada vez maior de estudiosos que vêm da América e da Europa até à Aldeia de Paço de Sousa observar uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes e põem em cheque as chamadas obras do Estado.

Foram mais de mil e cem os rapazes que ao longo destas cinco décadas construíram o que é hoje a Casa do Gaiato da Cidade sadina e se fizeram a si mesmos: homens de carácter, de brio a marcarem os ambientes sociais por onde a vida os levou.

As oficinas na Cidade, ainda hoje actuais e avançadas, o Lar com capacidade para várias dezenas de jovens, à vontade, foram obra deles e dos Amigos que nos acarinham.

Nem um centimo ou um centavo veio dos cofres do Estado. Nada. Tudo foi obra deles e do Povo.

Completou-se com adaptação o projecto do antigo Albergue. Apla-

naram-se terras, explorou-se a água e expandiram-se condutas subterrâneas por toda a propriedade.

O arroz, que durante muitos anos foi a nossa luta e ganha-pão de muita gente e também a nossa dor por várias razões, acabou por ser substituído pela criação de gado, produção de leite, pomares e hortas, numa renovação e ajustamento contínuos a actividades agrícolas mais rendíveis e mais leves.

Deu-se incremento ao «Património dos Pobres».

Matou-se a fome a milhares de pessoas através das gerações.

Resolveram-se inúmeras dificuldades de habitação, de saúde, de escola e de estudo, mesmo a muitos jovens fora da Casa do Gaiato.

Adquiriu-se e adaptou-se uma casa de férias, situada nas vistas mais lindas do mundo e da Serra da Arrábida.

Nesta memória, obrigatoriamente rápida, não podemos esquecer as pessoas que deram a sua vida aos rapazes e, neles, se deram

a Deus totalmente. Senhoras, Padres e simples trabalhadores que, não se limitando a ganhar dinheiro, amaram verdadeiramente os rapazes e os ajudaram, assim, a abrirem-se ao amor!

Tantos professores, dentro e fora de portas, com explicações gratuitas e estimulantes! Tantos médicos, de todas as especialidades, que abriram os seus consultórios, graciosos e alegremente, aos gaiatos. Arquitectos e Engenheiros. Pescadores e comerciantes de peixe, os antigos homens das conservas que, jubilosamente, repartiram connosco o fruto do seu labor.

Industriais das carnes da Quinta do Anjo e do Montijo. E os da panificação, que nos oferecem o pão para nós, para os Pobres e o nosso gado.

As empresas mais antigas da Cidade que continuam a ser o nosso apoio.

Ao longo dos cinquenta anos, a montanha de Bem que se acumulou na Casa do Gaiato e se distribuiu não deixou de crescer! Só o Senhor Deus, que tudo vê, tem capacidade para avaliar.

Nas últimas décadas foram algumas as centenas de rapazes que compraram ou construíram a própria habitação com a rectagnarda

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**GLOBALIZAÇÃO** — Temos aqui, já há meses, uma nota que saiu na *Escalada*, do mês de Janeiro, obra do Conselho Central do Porto, da S. S. Vicente de Paulo, à qual o autor, bem nosso amigo, intitula «a outra globalização»:

«Globalização é uma palavra que provoca, geralmente, sentimentos de reserva e mesmo de rejeição. Os discursos contra a globalização assumem, por vezes, um carácter agressivo e violento, sobretudo entre a juventude. Para muitos, dizer globalização é invocar uma espécie mal absoluto, responsável por todos os males do mundo. Falamos, sobretudo, da globalização económica.

Não vem para este breve espaço de reflexão analisar os aspectos negativos e positivos da globalização, mas uma coisa é certa: não se pode negar o carácter globalizante que o mundo tem hoje, para o bem e para o mal. Quando um famoso Sociólogo da Comunicação escrevia, há já bastantes anos, que o mundo é uma aldeia global, estava a fazer um retrato, que não só já não é possível apagar, mas que é e será cada vez mais visível.

Vem isto a propósito dessa imensa tragédia que se abateu sobre vários países da Ásia. Um sismo fortíssimo desencadeia um enorme 'tsunami', e nas costas marítimas desses países morrem mais de 150.000 pessoas, se juntarmos às que foram contactadas as que ficaram desaparecidas, talvez para sempre. Uma catástrofe inimaginável.

Nesta 'aldeia' global, que as televisões tornam ainda mais global, partilhámos o choque e a dor de muitos milhões de pessoas e de países que mal conhecíamos ou que não conhecíamos. Sentimo-nos muito mais próximos de todos os que sofreram no corpo e na alma, e interiorizamos melhor essa verdade tão esquecida de que todo o homem é meu irmão. É a outra face da globalização.

Estamos agora a assistir, e certamente a participar, na maior campanha de solidariedade internacional de que haverá memória. É verdade que para muita gente ela não chegou nem chegará a tempo, mas se governos e organizações civis de tantos países não reagissem como estão a reagir, as consequências seriam, por certo, terrivelmente mais graves do que já são. Sem esquecer os efeitos negativos do fenómeno da globalização, poderemos dizer, numa situação trágica como esta, que, felizmente, vivemos numa 'aldeia global'. É outro lado da globalização.

O problema é que, aparentemente, este lado bom só dura, enquanto dura o interesse da televisão...

A.J.S.»

**PARTILHA** — Na conta da farmácia pagámos, no mês de Junho, 350 euros. São facturas sempre muito grandes para as nossas finanças...

A assinante 11856, do Porto, com 100 euros, «lembrando os meus familiares falecidos».

Trinta euros, do assinante 59467, de Ponte de Sor, «para as necessidades mais urgentes».

De Alenquer, o assinante 33521, acentuando «o que sobrar será aplicado no que entenderem». Retribuímos o vosso abraço amigo.

A assinante 67582, de S. Mamede de Infesta, põe em ordem a assinatura d'O GAIATO e «o restante fica ao critério de quem sabe repartir o que tem e obrigada por todo o bem que fazem em favor dos mais Pobres».

Vinte e cinco euros, da assinante 66345, de Coimbra.

Cento e cinquenta euros, da assinante 57558, do Porto, com «um bem-haja». Está ao serviço do maior Hospital da Cidade Invicta, presença de há muitos anos.

Uma caixa de roupa, da assinante 49854, de Cavada de Rossas (Arouca): «Desejo tudo de bom para vocês. Por aqui, a velhice e vários achaques que os idosos sempre têm». E continua: «Desculpai a minha pouca comparação, mas a saúde atira-nos para o desleixo». Deus a ajude.

Agora, temos um cheque da assinante 15644, de Lisboa: «Embora um pouco atrasada em relação aos anos anteriores, aí vai uma ajuda para os mais necessitados».

Fechamos a procissão com trinta euros do assinante 53241, do Luso, «para dar satisfação a este compromisso mensal que temos com a Conferência do SS. Nome de Jesus e mitigar assim as necessidades dos Pobres, seus protegidos. Votos da melhor saúde e Jesus vos assista com as Suas bênçãos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Setúbal

**ANIVERSÁRIO** — A nossa Casa fez cinquenta anos, por isso os gaiatos antigos quiseram fazer o busto de Pai Américo. Quem esteve na inauguração foi o Senhor Bispo de Setúbal, Dom Gilberto Reis, o nosso Padre Acílio e o representante da Câmara Municipal de Setúbal, Vereador Aranha Figueiredo, e muitas pessoas Amigas dos gaiatos. Depois, celebrou-se a Missa e, no fim, o Hélio distribuiu um livro sobre os cinquenta anos da Casa do Gaiato de Setúbal. De seguida, o almoço: arroz com carne assada de um nosso boi que foi para a matança. À tarde, foi o jogo entre os gaiatos antigos e os actuais, que ganharam por penaltys. Depois, fomos para a piscina e, logo, foi a nossa boda.

**VACARIA** — Nasceram mais cinco bezerras. As vacas ficaram bem e os bezerrinhos também. Já dissemos que foi um boi para a matança, para nós comermos. As nossas vacas estão a produzir um pouco menos de leite, porque algumas vezes não comem muito. Esperamos que dêem mais leite quando houver milho. Foram duas vacas para secar, porque estão quase a parir.

**BATATA** — Os rapazes já apanharam muita batata. A batata está boa. Agora é preciso pôr pó em cima delas para que as borboletas não as estraguem. Esperamos que a apanha da batata continue bem.

**PATOS** — Há algumas noites os cães atacaram os patos. Um pato morreu, uma pata ficou ferida e algumas delas ficaram mordidas no pescoço.

As senhoras têm muito trabalho para cuidar delas e por isso ficaram muito



Busto de Pai Américo, erguido na Praceta Padre Américo, em Setúbal.

tristes. Os cães não são cá de Casa, mas os nossos também não ficam atrás. A D. Conceição disse que, se continuasse assim, a matarem patos, mais valia matá-los todos e só deixar as crias que punha ao pé das galinhas.

**FÉRIAS** — Já foi o primeiro grupo para a casa da Arrábida. Quem os acompanhou foi o João Pedro, como chefe. Também foi a D. Isaura e algumas senhoras de fora. Espera-se pelo segundo grupo, que irá em Agosto.

Horácio

## Paço de Sousa

**SETÚBAL** — A nossa Casa de Setúbal fez, agora, cinquenta anos. Os rapazes de Paço de Sousa foram lá dar outro gosto à festa, com a nossa «Bandinha», e, também, lembrar o nosso Pai Américo, que foi distinguido com uma estátua, na própria Cidade, executada pelo Luís Mendes.

**TOJAL** — Alguns rapazes de Paço de Sousa têm ido para esta Casa ajudar: Teixugueira e Rogério, da carpintaria; e Serafim, electricista.

**CURSOS** — Há rapazes mais velhos que só têm o 6.º ano e têm experiência de oficinas. Seria bom que encontrassem cursos, a seu gosto, em escolas técnico-profissionais, de forma que completem o 9.º ano. Quem nos ajuda nesta matéria tão sensível para a nossa Casa.

**PRAIA** — Em meados deste mês, começou a época balnear. A malta que aproveite para descansar, brincar e, sobretudo, dar uns mergulhos na praia de Azurara (Vila do Conde).

**CALÇADO** — Se o nosso Leitor é empresário duma fábrica deste material, poderá ter a bondade de nos oferecer, o que puder ser, dos números 38 ao 42.

**PISCINA** — Já começou a funcionar, quando o calor apertou. Os rapa-

zes não faltam um dia ao banho, no fim do trabalho de cada um. Aquilo é uma alegria! Portanto, que aproveitem os mergulhos.

**FÉRIAS ESCOLARES** — Começaram. Uns reprovaram e outros não. Espero que os que passaram aproveitem as férias ao máximo.

Rolando Polónia

**DESPORTO** — O Desporto cá em casa está de férias... Isso é que era bom! Há sempre uma bola a saltar por aqui e por ali. Numa Casa do Gaiato, o futebol está na ordem do dia. Não pode parar! Quando isso acontecer, é sinal que está tudo doente. E nós não queremos ver ninguém nesse estado. Tudo se faz para que haja saúde e o Desporto é, como toda a gente sabe, uma forte vitamina para todos aqueles que gostam de zelar por ele, tratando-o como deve ser... Por isso, vamos aproveitar esta paragem e fazer uma pequena «arrumação» no balneário, pondo os pontos nos *is* para ficar com outro ar, transmitindo boa disposição e um ambiente melhor — sem subterfúgios! Está «um nadinha» sujo, como é costume dizer o nosso Padre Telmo: «um nadinha»!...

Há dias, na homilia dominical, o nosso Padre Manuel Mendes, para transmitir o seu raciocínio, deu, como exemplo, uma laranja podre no meio de uma caixa de laranjas boas. O suficiente para que todas fiquem contaminadas. Ora, nós, também não queremos que as chuteiras, os calções, as camisolas, as meias que se encontram menos boas, dentro e fora das quatro linhas, possam molestar aqueles que ainda estão em bom estado — para já!

O Desporto é salutar, bonito e agradável, mas só para aqueles que gostam de o praticar com alegria, com prazer e com desportivismo: da maneira como pensam, de como falam e de como o tratam, para que o resultado final seja positivo. Se o não for em golos, pelo menos, que o seja em dignidade. Oxalá esta paragem de dois meses sirva para se amadurecer um pouco mais e, em Setembro, se Deus quiser, todos estarmos na disposição de praticar a modalidade com alegria e com prazer de bem servirmos uns aos outros. Vamos ter mais uma época cheia de futebol: o Inter-Casas e muito

outros jogos, mas só, e se todos estivermos na disposição de o praticar, com tudo aquilo que na altura própria for solicitado.

Este ano, rejeitamos dois torneios, precisamente, por se entender que ainda há muita coisa a rectificar. Vamos andando e vamos vendo! Para se praticar Desporto, não basta passear, comer e chutar a bola. É necessário algo mais! Ou será que não temos uma imagem a defender?!

Alberto («Resende»)

## Benguela

**SERRALHARIA** — Os trabalhos decorrem normalmente, se bem que se tenham notado algumas ausências da parte dos rapazes; mas, quanto ao resto, tudo caminha em bons carris.

**CARPINTARIA** — O mesmo se passa na carpintaria, onde todos trabalham com fervor, com o fim de aprender mais uma profissão que lhes pode valer a vida futura.

**PINTURA** — Está tudo a correr normalmente, pois o mestre nunca se cansa de ensinar aos seus pupilos novas técnicas de pintura, de que futuramente poderão fazer uso tanto para eles como para os outros.

**ROUPARIA** — Os rapazes estão interessados em aprender técnicas de costura que a D. Rosa lhes está a ensinar. Futuramente poderão ser eles a coser e a passar as suas roupas, por isso é que um gaiato é um homem completo.

**COZINHA** — É uma área sensível a visitas, pois os rapazes estão constantemente a cheirar o que é que virá para a mesa. Temos tido a colaboração dos nossos rapazes, como o Domingos Leonardo e o Eusébio. São pessoas que se têm dedicado muito bem, para que nada falte à nossa mesa.

M.S.A.

## Pão de Vida

## Secura

As aflições do tempo presente não podem sufocar a esperança das criaturas humanas, ansiosas por serem libertadas da corrupção de consciências terroristas, escravizadas pelo maligno, que propagam o medo, com maior impacto mediático nas grandes metrópoles, em escalada crescente da América até à Velha Europa, envergonhada da sua matriz cristã, cujos poderosos arrebatarem as riquezas e fabricam as guerras.

As fontes não transbordam em água, nem fomas inundados com chuva. Pelo contrário, o nosso País sofre uma seca severa, que é um rastilho para numerosos incêndios, devoradores de muitos pulmões florestais.

O ar sombrio e desidratante não vence o nosso oásis de verdura,

neste vale, ao longo de uma linha de água que serpenteia tenuamente, desde os montes de Ordins, no pico deste Verão.

Úrgia, por isso, limpar o ribeiro de Gamuz, afogado em silvas, para que as águas escorressem, mesmo de montes reduzidos a cinzas e esqueletos fumados, e possam fertilizar os campos semeados de milho, que definhará se não for regado nas alturas críticas do crescimento.

Aproveitar ao extremo os choros das águas e teimar em cultivar o chão, com mãos que foram levantadas de sítios de risco, é uma prioridade de sobrevivência.

Não há Pão do Céu sem pão da terra. Ensinar os mais jovens a cuidar de produzir o pão para comer é colaborar na missão do Semeador, que *saiu a semear*, sobre a terra imensa e diversa de humanidade.

O cereal novo ainda não deu espigas, enquanto os tubérculos são arrancados da terra, por entre nuvens de poeira. São eles, os filhos que vieram de sítios espi-

nhosos, quem baixa os braços para colher, nesta época de pousio escolar, entre refilice pegada, como na chegada do pescado à beira-mar.

É reconfortante arregalar os olhos para o chão que nos entrega, entre canseiras, o que parece escondido durante algum tempo.

Nenhuma semente, que cai num coração tenro e de ouvidos atentos, deixará de dar fruto, a seu tempo.

Persiste, entre nós, a perseguição às pilhas para os *discman* e até o relógio do refeitório ficou parado...

Os mais jovens endurecem-se, se as sementes forem armazenadas nos celeiros das grandes potências e, depois, lançadas, à míngua, em aeronaves.

Ensinar a semear é programa de salvação corporal.

O Diogo é reguila e, acabado de chegar, rejubilou, na paragem matinal da colheita:

— *Que grande merenda!*

A semana tinha começado bem e como sempre, na nossa família, à volta das mesas do Senhor da Seara.

Foram mais dois varões do que as tribos de Israel quantos, alguns com o dobro da idade recomendada, pela primeira vez se alimentaram com o Pão da farinha, transformada no Corpo glorioso, que continua a semear em todos os sítios.

Vê-los felizes, de olhos radiantes, porque viram o Mistério da

Fé, é um compromisso sério, ao longo do Caminho, rodeado de espinhos e de pedras, onde podem tropeçar. Mesmo assim, o gosto pelo início dos encontros sacramentais do Perdão não os deixará queimar e secar ao sol.

Padre Manuel Mendes

## Benguela

Continuação da página 1

nuam a encher as salas de aula da periferia da cidade e centros mais afastados com carteiras escolares e quadros e secretárias. A parte mais nobre desta ajuda que nos é prestada, ao abrigo dos vários projectos, está no trabalho, como ocupação altamente rentável, a nível humano, para os nossos rapazes, em seus tempos livres escolares. Para comprovar o que digo fui, há dias, bater à porta duma grande empresa local a pedir emprego para os meus rapazes. Já o revelei várias vezes: são mais de setenta para além dos 18 anos. Outros tantos descem até aos 3 anos. Na conversa com o responsável dos recursos humanos foi-me perguntado o grau de escolaridade e de técnica oficial. Por isso, o grande lucro auferido do nosso trabalho é a ocupação dos rapazes. O resto, quando há, vem por acréscimo.

Este caminho vai levar-nos ao ideal: manter um rapaz nosso à frente de cada oficina ou sector da nossa vida. A serralharia leva a dianteira com o Luciano, a caminho dos 50 anos, mestre dum bom número de irmãos seus doutra geração. Quem dera surjam outros, agora, para manter viva a

chama do Lema que Pai Américo sonhou e viu, em parte, realizado: «De Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes». Fiquei contente ao saber que mais uma escola, com 12 salas de aula, vai ser construída no Lobito, com os olhos postos nas carteiras fabricadas na Casa do Gaiato. São mesmo de madeira pura, criada nas matas de Angola, bonitas como os rostos das crianças que vão utilizá-las.

Parece que estou a falar num mar de rosas. Não. Graças a Deus que não é um mar de rosas a nossa vida. É, sim, caminho fecundo que enche o nosso coração, na medida em que é caminho de libertação radical dos que vivem nas cadeias da miséria. Porque são vítimas mais inocentes, as crianças, ocupam o lugar de preferidas.

Termino com uma notícia que, aparentemente, não tem nada a ver com a substância do que escrevi: O camião que o senhor Padre Horário ofereceu à Casa do Gaiato de Benguela, quando estava em Miranda do Corvo, chegou ao fim. Vejo-me aflito para satisfazer algumas necessidades urgentes que o camião resolvia. Ando à busca dum poço de petróleo, onde haja 90.000 dólares para comprar um camião novo. Já tenho a factura proforma. Mas falta o resto, que é tudo! Obrigado!

Padre Manuel António



Alguns antigos gaiatos junto ao busto de Pai Américo, na cidade de Setúbal.

## Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

**ENCONTRO** — Um dia agradável, acondicionado, para se ter uma grande festa, o cinquentenário da Casa do Gaiato de Setúbal. Começou, pelas 10h00, junto à Praceta Padre Américo, num jardim do Monte Belo, a inauguração do busto de Pai Américo. Tivemos a presença amiga de quem nos quis aplaudir e que apadrinharam este momento. Dom Gilberto Reis, Bispo de Setúbal, Aranha Figueiredo, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Setúbal e de algumas individualidades já conhecidas do grande público que, voluntariamente, compareceram: Dr. Fernando Negrão e Dra. Zita Seabra. O nosso Padre Acílio iniciou com um discurso eloquente, aonde é preciso sensibilizar a importância da Obra da Rua, as Casas do Gaiato, repetindo que «é deles», pedindo que deixassem continuar o trabalho de Pai Américo, o trabalho pelos Pobres. Dom Gilberto Reis, enalteceu a coragem de Pai Américo, que soube escutar, como Maria escutou, o Anjo S. Gabriel, alertando às necessidades de um povo cristão e temente a Deus. O Vereador Aranha Figueiredo elogiou quem pôs em prática a obra e o sentido que este

busto tem de significado para a cidade de Setúbal, e aos gaiatos, que a Câmara tem de dar apoio a causas nobres, sem modéstias, e que a mesma está empenhada e atenta aos sem abrigo. A encerrar, o Fernando Pinto, filho de um gaiato, discursou o pensamento dos antigos gaiatos e sublinhou as palavras que se encontram na placa da estatueta, «sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro... Comprei uma Casa para Eles!», assim nascia a Casa do Gaiato.

Pelo meio-dia, celebrou-se a Santa Missa, na nossa Casa, que marcou e completou, como o nosso Padre Acílio disse, as «memórias». Houve emoção e, ao mesmo tempo, a satisfação num obrigado a Pai Américo. À saída, distribuiu-se um livro comemorativo dos cinquenta anos da Casa do Gaiato de Setúbal. Depois, seguiu-se o que já é rotineiro: almoço, bola, piscina e merenda. Só pecámos pelos artistas que vieram, dar mais um espaço, não houve espectáculo. No ano que vem celebram-se os cinquenta anos da morte de Pai Américo, é preciso estar atento.

**UM TESTEMUNHO** — Não é história, alguém sussurra ao meu ouvido: um senhor do concelho da Sertã, que vivia miseravelmente, negava-se a receber assistência e condições de vida mais humanas. Era preciso que o mesmo cedesse a sua documentação para se acionar o mecanismo da Santa Casa da Misericórdia, na prestação de

serviços cuidados e alimentação. O mesmo resignava-se, irado, a este facto, assim conta D. Benvida com emoção, uma senhora que presta serviços no nosso Lar, já depois de enfrentar as palavras daquele homem, em silêncio pediu a Deus, através de Pai Américo, a salvação para este. O homem levantou-se calado e mudo, para admiração de todos entregou à mesma os documentos. Assim se deu andamento ao processo.

**BUSTO DE PAI AMÉRICO** — Como o leitor pode testemunhar, o busto passou de ficção à realidade. Agora, só falta mesmo angariarmos o montante, que é outra obra. O dia do encontro dos antigos gaiatos, em Setúbal, deu mil euros, elevando para três mil — ainda faltam doze mil euros. É preciso pagarmos, por isso vou sempre rodear este problema até alcançarmos o total da obra. Pegando nas palavras de Pai Américo: «sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro... Comprei uma Casa para Eles!», não foi copiar, mas, sim, acreditar que é sempre possível. O nosso está dado, com certeza que o seu será dado. Assim se fechará mais um capítulo.

Pode enviar o seu donativo para: Associação da Comunidade «O Gaiato», Rua Morgado de Setúbal, 91 — 2910-672 Setúbal.

Agradecemos a vossa colaboração, obrigado.

César Amante

## Praticando o Bem

Continuação da página 1

da sua família: — A Casa do Gaiato que os apoiou na proporção inversa das suas capacidades.

Os antigos gaiatos, reunidos em Associação, quiseram marcar esta data erigindo um busto a Pai Américo, numa praça que o município de Setúbal dedicou ao fundador da Obra.

O trabalho escultórico, da autoria de Luís Mendes, filho do nosso Júlio Mendes é, por esta razão, de um neto da Obra. Com um metro e meio de altura, só lhe falta falar, no dizer de alguém que conheceu muito de perto a personalidade talhada.

De cabeça erguida e arrojada expressão, parece desafiar quantos, por comodismo e incapacidade, pretendem denegrir o seu modo de viver e de educar.

Foi uma forma encontrada de agradecer aos setubalenses todo o carinho dedicado à sua Obra e de perpetuar na memória das gerações uma vida que vale a pena seguir.

A Casa do Gaiato de Setúbal tem muitas pernas para andar. Uma boa estrutura de chefes e de rapazes e um Padre novo capaz de galvanizar outros cristãos, homens e senhoras, a arriscarem a sua vida, em doação absoluta, às crianças sem família.

Padre Acílio

## Setúbal

Continuação da página 1

normal, pode muito bem acontecer que o espaço, normalmente suficiente, para ela não chegue, habituada como anda aos grandes espaços da rua, a-sua anterior casa.

Assim aconteceu com o José. Com menos de seis anos já fazia vida de rua. Colocado numa instituição que funciona numa vivenda, tão exíguo era o espaço

para ele que muito nos pediram para o recebermos. E assim se fez.

Cada semana que passa, temos de lhe dar uns *ténis* novos. Já vai no segundo par de óculos e só os usa na escola. As peças de roupa constantemente têm de ser substituídas...

Muita vida tem o José. No meio de nós tem espaço, corre, brinca e joga a bola com toda a energia de que é capaz. No futebol a sua concentração é total.

Ele também sabe que tem obrigações, e vai cumprindo como pode. O José está a crescer.

Padre Júlio

## Calvário

## A partida

A esposa do senhor António veio visitá-lo ontem. Ficou tão transtornada com o estado do marido, que pouco tempo se demorou junto dele. Esta fuga à realidade é bem denunciadora dum ser perdido. O álcool é, na verdade, a sua companhia ao longo dos dias. Dizem os acompanhantes que ela começa a beber pela manhã cedo e à noite o garrafão está vazio.

Esta pobre, meio transtornada, disparou pela porta fora, dizendo que não era capaz de voltar a ver o pobre do marido. Estranha maneira de se despedir dum moribundo!

Ficámos atónitos. O senhor António permaneceu calmo, meio alheio ao incidente.

Esta manhã, o doente está mais ansioso. Empenhámo-nos em fazer-lhe a higiene. Enquanto o cuidamos, ele suspira mais fundo e morre. Parámos para rezar, em silêncio. É já um cadáver quando terminámos o trabalho. Em seguida, vestimo-lo. O seu rosto, dantes ofegante e sofrido, apresenta agora uma enorme paz, uma

calma cheia de suavidade.

O Senhor levou-o das nossas mãos para as Suas. E deixou-nos estes restos que delicadamente contemplamos.

A vida é algo de misterioso. Temos diante dos nossos olhos o suporte, mas a vida continua para além do horizonte terreno.

Na civilização do primeiro mundo, a morte é tema a que se foge. Diante dela ou na sua iminência, os familiares vão enganando o doente, segredando-lhe que ainda vai melhorar e que «estamos todos com muita esperança».

Se o doente está internado, os profissionais de saúde, preparados para curar, não sabem, às vezes, como lidar com a morte e vão iludindo o paciente com um «isto vai fazer-lhe bem. Tome.»

Os clínicos, também eles formados para tratar a doença, sentem frustração quando nada mais podem fazer, pois a morte é uma derrota para quem tem a missão de curar.

O mais grave, porém, verifica-se quando a morte vem do silêncio

ou do isolamento de um quarto. Deste modo, não incomoda. Logo que ela surge, depressa se retira o defunto e apressadamente se prepara o funeral. É, por vezes, um alívio para os vivos quando o defunto desce à sepultura.

A nossa sociedade moderna não quer pensar na morte como se ela fosse algo de estranho, de insólito na vida dos homens. A morte é cortar com tudo aquilo que a deslumbrou no mundo. E como deseja viver nele a todo o custo afasta o pensamento do fim da vida. Vai-se iludindo e enganando.

Ora, a morte é o momento mais solene da vida. É o culminar da existência, a meta para que caminhamos inexoravelmente.

Falar dela abertamente a um moribundo é ajudar quem vai partir.

Os africanos têm uma visão diferente do homem moderno. Os funerais são para eles algo de festivo. Eles cantam, dançam, alegam-se com a partida de um amigo.

Quando se está demasiadamente apegado ao terreno, mais dificilmente se aceita a partida para o além. O senhor António não tinha nada a prendê-lo. Partiu, pois, sereno. Às vezes tenho vontade de os acompanhar, de tão felizes os vejo partir para o banquete que o Pai Celeste preparou.

Padre Baptista

## Moçambique

## Marcas profundas

HÁ, para nós, um mundo de sombras na vida real deste Povo, a quem com tanto empenho dedicamos a nossa vida. Há anos que estamos com ele e, verdadeiramente, ainda o não conhecemos. Um antropólogo pode rir-se da minha ignorância. Não tenho vergonha, porque os meus anseios são outros. Há medos ancestrais de que um cristão pode até rir-se cautelosamente, para não ofender. Mas há tradições que chocam e temos de contradizer, no que respeita aos filhos.

Há muito que nos embaraça chegar ao Hospital com uma parturiente e ter de esperar o nascimento do bebé para alguém da família, que acompanhou, voltar a casa buscar roupa. Não levou «porque não sabia se ia nascer gente ou bicho».

Esta semana ficámos chocados pela atitude do nosso Orlando, mestre de obras, que tem a décima-classe, um mínimo de instrução, e se negava a fazer o funeral do filho, que nasceu no Hospital, sem os devidos cuidados, pois se tratava de parto de risco e a criança faleceu menos de dois dias depois. Alegava que nem o chegou a ver. A família estava em casa toda reunida para as cerimónias e ele revoltado que não. Foi preciso trazê-lo aqui, para a nossa, a fim de o convencer, fora do ambiente da família indisposta com ele. Dormiu aqui e no dia seguinte lá foi para a cidade buscar o corpo, para o conduzir ao Cemitério. No caminho foram interceptados por pessoas defensoras da tradição, que tinha que ser enterado no quintal da casa. Já estava até um buraco aberto no lixo que, normalmente, se vai acumulando a um canto do quintal, onde se deitam os resíduos domésticos. A razão era que, segundo a tradição, «uma criança que morra antes dos cinco anos ainda não é gente». Foi necessário a Irmã Quitéria descer à Aldeia, interpelar as pessoas e, como visse que todos os argumentos eram infrutíferos, ameaçar com uma denúncia imediata à Saúde Pública. Resultou.

Depois, viemos a saber que de há muito é tradição, quando tal acontece, enterrar até no lodo do rio. Só que depois, em decomposição, a água arrasta facilmente e vai parar na captação que abastece Maputo. E puxando o fio da memória, um nosso Professor se lembrou que, no primeiro ano da cólera em Boane, quando foi necessário refazer a tomada de água ao Hospital, avariada e ferrugenta de tão velha, ao limpar a área circundante da captação, apareceram muitos ossos pequenos que se afiguravam de criança, mas na altura a aflição era outra e, depois, esqueceu.

Há anos que nos nossos berçários são ensinadas as mães a cuidar de seus filhos pequeninos; se faz o controle de peso; passam o dia inteiro no Posto de Saúde, se já são maiores e estão doentes, com elas a velá-los e as enfermeiras atentas; se têm mais de dois anos já ficam na Creche acompanhados com carinho pelas monitoras e educadoras de infância. Todos estes cuidados não-de dar fruto, a seu tempo. Mas se adoecem longe das nossas vistas vão ao curandeiro. Há um bem perto, especialista em adivinhação, para saber de quem é a culpa, e se morre seguem a tradição.

Compreendemos melhor porque temos recebido crianças estropiadas, com braços e pernas partidos e outras marcas profundas que não mais sairão do corpo, em tentativas frustradas de infanticídio, de padrazos que rejeitam os filhos pequenos da mulher com quem vivem e até por pressão da família dele. Compreendemos porque há tantas crianças de olhar triste que vêm para nossa Casa e em algumas, já de onze e doze anos, demora a florir um sorriso no seu rosto. Que marcas profundas não trazem na alma!

Compreendemos e aceitamos no mais profundo do nosso ser e da nossa Fé a entrega que Deus nos faz destas crianças, para que sejamos testemunhos do Seu Amor aos mais pequeninos. Compreendemos a Bênção que eles são em nossas Casas do Gaiato para o crescimento saudável e amadurecimento dos rapazes mais velhos.

Padre José Maria

## Malanje

## Estímulo

TEMOS sentido o apoio dos nossos Governantes que, solícitos e amigos, nos visitam. É um estímulo. E nem tudo é perfeito nas nossas Casas: Influências duma sociedade — um pouco à deriva; cultura do roubo; exemplos claros de abusos de bebidas e de fugas ao trabalho. Aqui, em Angola como em Portugal, onde acolhemos rapazes em abandono, todos sabem o esforço que a nossa Obra faz pelo bem e educação do rapaz.

Nem todos os casos são maravilha! Igualmente nas famílias, até

pouco numerosas, por vezes, autênticos desastres.

## Mercado de trabalho

NÃO é fácil... Doloroso mesmo a educação da juventude nesta hora...

Mais difícil ainda a sua colocação nos mercados de trabalho.

Há dias, constou que havia mil vagas para as escolas da Província. Concorreram mais de dois mil. Mas quem aceitará dar aulas numa senzala distante sem meios de transporte e de vida?

Também uma empresa fez inscrição para trabalho. Como romper a multidão que se aglomerou à volta da mesa de inscrição?

Sem preparação profissional

durante tantos anos é impossível o rendimento no trabalho que dê um salário justo.

Caminho longo este, para uma normalização.

## Vacas leiteiras

COM a ajuda de Manos Unidas, uma organização espanhola, compramos algumas vacas leiteiras na esperança de termos leite para os nossos rapazes.

Possível transformar capim em leite!, mas necessário uma estrutura inicial e, sobretudo, um acompanhamento contínuo e eficaz.

O que seria esta Angola a produzir leite e carne?

Petróleo e diamantes estão longe dos estômagos.

Padre Telmo

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

progressos exteriores quão inertes a respeito de si mesmos.

Mas deixemos ao próprio Erasmo a explicação deste aparente paradoxo feita na dedicatória desta sua obra ao seu Amigo Tomás Moro.

«Nestes últimos dias, regressando de Itália a Inglaterra, para não perder em conversas banais o tempo que tinha de passar a cavalo, preferi recordar alguns pontos dos estudos que nos são comuns e lembrar os bons amigos de quem me encontrava separado. (...) Querendo, portanto, ocupar-me a todo o custo e não sendo as circunstâncias favoráveis a um trabalho sério, veio-me a ideia de compor, como por jogo, um elogio da Loucura.

— Que deusa Minerva, direis, vos inspirou tal ideia?

— É que comecei por pensar no vosso cognome de Moro, que tanto se aproxima do nome grego da Loucura (MORIA) quanto a vossa pessoa dela se afasta. Vós sois mesmo, no consenso geral, o seu maior adversário. Supus também que esta brincadeira do meu espírito mereceria a vossa aprovação, pois sei que apreciáis um gracejo doudo e agradável. (...) Recebereis, pois, com benevolência este pequeno discurso como uma lembrança deste vosso amigo e aceitareis defendê-lo, já que vos pertence mais do que a mim próprio, pois vos é dedicado.

Os detractores não faltarão. (...) Mas, se o amor-próprio me não cega, creio que o Elogio da Loucura não é, de modo algum, obra de um louco. (...) Criticar os costumes dos homens, sem atacar ninguém em particular, será realmente morder? Não será antes o

desejo de ensinar e aconselhar? (...) Uma sátira que não poupa nenhuma das condições humanas não pretende atacar homem algum em particular, mas sim os vícios de todos. (...) Quanto a mim, evitei fazer menção de alguém e usei de um estilo tão moderado que o leitor inteligente verá facilmente que tive como intenção divertir-me e nunca ferir alguém. Não me interessou catalogar os defeitos vergonhosos, mas expor os ridículos dos homens...

(...) Mas para quê tantas explicações, a vós, que sois um advogado tão excelente que defendeis com perfeição mesmo as causas mais mediocres?

Adeus, meu caríssimo Moro. Deixo à vossa eloquência o cuidado de defender esta MORIA que de hoje em diante vos pertence.»

Depois desta dedicatória, Erasmo dá a palavra à Loucura. Ao longo de sessenta e oito pequenos capítulos há um crescendo que ultrapassa a ironia que as fraque-

zas dos homens lhe sugerem, em caminho dessa outra Loucura que o mundo não entende, mas da qual S. Paulo se ufanava, aquela que vai fazendo tender o homem para a meta apontada por Jesus: «Se vos não tornardes como esta criança, não entrareis no Reino».

Esta Loucura não foi exclusiva de S. Paulo. É própria dos Santos; deve sê-lo de todos os que vivem em ambição de o ser. Foi a que Pai Américo abraçou: «Às vezes vem-me o tino; a inteligência das coisas terrenas. Nesta inteligência vejo os problemas de cada um: as

idades inquietas, as tendências; e também o meu problema.

O que então se passa na minha alma é coisa inenarrável. Entro a desfalecer. Mas isso dura pouco tempo. Deus tira-me o tino e dá-me a Sua loucura. Os problemas de todos, e o meu também, ficam num instante resolvidos.

— Homem de pouca fé, porque duvidas?!

Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino!»

Padre Carlos

## PENSAMENTO

A esmola do pobre a pobres tem um sentido e um rendimento que o mundo desconhece: ela é tirada à boca, mastigada no sacrifício, dada com muita alegria; e o nosso bom Deus que tudo vê, retribui.

PAI AMÉRICO